

## PELOS AEROPORTOS

As viagens sempre trazem sensações boas, ainda que, muitas vezes, contraditórias.

Nos momentos que antecedem nossa saída, vem aquele desejo de partir, acompanhado da possibilidade de liberdade, porque nos desprendemos do trabalho, do ambiente cotidiano, das pequenas e repetitivas tarefas, lançando-nos na direção do inusitado e do diverso, porque muitas vezes trata-se do outro lado do mundo, de outra cultura, de paisagens naturais, rurais e urbanas distintas das que conhecemos, de múltiplas perspectivas de mundo e de práticas sociais e culturais.

Entretanto, logo que se parte, um turbilhão de outros sentimentos assoma. A gente se preocupa com quem ficou; pergunta-se se fez tudo que tinha planejado ter feito antes de partir (e, no meu caso, a resposta é sempre negativa, porque planejo mais do que consigo realizar...); fica conferindo mentalmente se pagou todas as contas; se colocou os resultados das avaliações no sistema de notas, os pareceres nos sistemas das agências de fomento, os gastos nos sistemas de prestação de contas... Ah, os sistemas, esses monstros dos dias atuais.

Os aeroportos são um capítulo à parte nas viagens. São planejados para serem internacionais, acima dos traços locais e regionais, como relês de um mundo “sem fronteiras” (nossa o slogan do Tim veio à tona!). Obedecem a normas internacionais, têm sinalizações que visam a comunicação por meio da língua autóctone e da língua internacional, o inglês, bem como por intermédio de sinais e símbolos que ajudam a todos que compõem a “Babel” do presente a chegar onde desejam.

Por outro lado, os aeroportos têm também suas personalidades, contam de alguma forma a história de seus lugares, seus valores, suas cores, seus cheiros.

Pela primeira vez, desembarco no Aeroporto de Frankfurt e ele corresponde a quase tudo que pensamos sobre os alemães. É eficaz! Espaçoso e bem iluminado, apesar do céu cinza que se vislumbra pelos vidros; completamente sem rugosidades, como denota a preferência pelos aços inoxidáveis e pelos granitos acinzentados; pouco adornado, como se a opção tivesse sido totalmente racional, ancorada em foco no essencial: cumprir seu objetivo sem maiores delongas e sem caminhos alternativos.

É possível se deslocar nele sem saber alemão, só não sei se é possível filosofar sem ser nessa língua..., mas também este aeroporto e, suponho, seus dirigentes não estão nem um pouco preocupados com isso.

Os funcionários que circulam por ali correspondem claramente ao protótipo do alemão médio: loiros, com bochechas avermelhadas, altos e gordos. As mulheres jovens são diametralmente diferentes das mais velhas. Seus corpos esguios, seus seios volumosos e empinados, suas pernas longas e seus rostos de peles alvas e aveludadas costumam deixar a nós, as latinas, com certo complexo de inferioridade. As mais velhas compensam essa sensação, porque na medida em que engordam (e é incrível como a maioria está mesmo gorda) ficam extremamente desproporcionais: acima da cintura elas triplicam de tamanho, porque os seios ficam gigantescos e a barriga cresce, como se sua única função fosse ajudar a carregá-los; abaixo da cintura, a falta de bumbum fica superdimensionada pelas pernas esguias que, com a idade, tornam-se finas diante de um tronco tão pesado.

Frankfurt está longitudinalmente com cinco horas de diferença do principal fuso brasileiro. Para nós, que estamos esperando a conexão para Viena, a refeição é a do café da manhã, mas na maior parte das cafeterias do aeroporto, o pessoal está diante de enormes copos de cerveja. Até que eu me lembrasse dessa diferença de fuso, fiquei assustada com esse fato, mas mesmo depois de me recordar desse aspecto, ainda é impressionante como os alemães bebem, o que ajuda a explicar o tamanho da barriga deles. Alguns passam pelo caixa e já pagam e pegam dois

copos de cerveja ao mesmo tempo. Não fique imaginando que são do tamanho das tulipas em que, no Brasil, serve-se o chopp ou a cerveja. É um mega copo alto e largo.

Dois alemães foram abordados pelo Eliseu para se obter e confirmar uma informação: foram ambos simpáticos e solícitos, negando completamente tudo que supomos que sejam os alemães....

O Aeroporto de Viena, onde finalmente desembarcamos após os dois trechos da viagem – 11 horas entre São Paulo e Frankfurt e um pouco mais de uma hora, após três de conexão, até a capital da Áustria – já tem outro jeitão. Embora o movimento de pessoas e número de aeronaves que aterrizam e decolam seja menor do que o de Frankfurt, pode se supor que eles esperam que, em breve, seja tão grande quanto, porque o aeroporto é enorme.

Se nós, brasileiros, sempre estamos aquém das demandas, em nossas políticas de implantação de infraestruturas, o que se vê aqui é o oposto, ou seja, eles estão super bem preparados para atender a demanda que a Copa do Mundo vai gerar (no Brasil). O pequeno detalhe é que eles estarem preparados não resolve nosso problema, porque Viena é um pouco longe do Rio de Janeiro ou de Fortaleza.

Para se ter uma ideia do tamanho do Aeroporto de Viena, basta dizer que suas gares são sete, nomeadas de A a G. A nossa, justamente a última, a G, tem 99 portões. Para chegarmos ao nosso, o 32, percorremos largos corredores, com esteiras rolantes, lanchonetes sem filas e com espaço para se sentar (igualzinho a Congonhas), entremeadas por salas de descanso, em que há sofás de couro preto para se deitar, como mini camas, e mesas com todas as tomadas possíveis já acopladas, para se carregar celulares, computadores e outras parafernalias tecnológicas úteis e inúteis do mundo de hoje (não, não fique pensando que vi alguém usando vibradores por ali).

O diferente deste aeroporto é que ele é alegre, muito alegre e, por isso, apesar de ser parecido a tantos outros aeroportos em sua arquitetura de aço e vidro, ele é

muito mais gostoso do que o de Frankfurt. O fato de ser verão e o começo das férias no hemisfério norte acentua essa impressão, porque todos estão trajados para a “festa”, o que torna tudo mais colorido.

Aliás, os europeus que nos desculpem, mas vestidos para o verão, eles são muitas vezes engraçados. Eles devem pensar o mesmo de nós, com nossos casacos de anos atrás, quando desembarcamos, no inverno, do Hemisfério Norte.

Eles nos dão sempre a impressão que estão fantasiados para a alegria. No geral, combinam tudo: ou seja, se a camiseta é rosinha, o lenço do pescoço é pink, a bolsa de verão é lilás e para quebrar os tons sobre tons, a bermuda cáqui combina com o bege do tênis.... As florzinhas bem miúdas ocupam a maior parte das estampas, parecendo um pouco descabidas ou juvenis demais, quando combinadas com os rostos de terceira idade que prevalecem nas mulheres que viajam por esse continente. Os homens, ainda que menos combinadinhos, estão com suas camisetas polos coloridas, bermudas exageradas e tênis enormes que parecem maiores ainda, com o contraste das meias, muitas vezes pouco adequadas para estes calçados. Completam o *lay out* que predomina por aqui, neste começo de julho de 2012, pernas brancas e rostos como um pimentão, para mostrar bem que estiveram na Turquia, passando as férias.

O que pensamos da Áustria? Pouca coisa, pelo menos eu, mesmo sendo esta a segunda vez que estou aqui. Um aspecto destaca-se e os faz parecidos com a Suíça: é um país limpo, muito limpo. Tudo brilha no Aeroporto, nada de cesta com papéis usados nos banheiros, nada de mesas embaçadas pelo falta de limpeza nas lanchonetes, tudo muito OMO, branquinho, tudo muito Bom Bril, brilhando.

A senhora que organiza a fila para passar nos guichês de Raio X é uma figura. Primeiramente, porque ela é mesmo uma figura: risonha, decidida e comunicativa. Em segundo lugar, porque a Áustrian, a companhia aérea pela qual vamos para Moscou, tem um uniforme que merece ser adjetivado de intenso e exagerado – ele é totalmente vermelho – isso significa que suas funcionárias, desde as dos balcões de atendimento até as comissárias, estão de quepe, blusa, saia, paletó, sapato,

bolsa e, pasmem, meias calças vermelhas! Para não dar o direito de acharmos que se trata de um samba de uma nota só, elas carregam um minúsculo lençinho cinza no pescoço, fortemente listado de VERMELHO.

O Aeroporto de Moscou é pesado em tudo: os tons não são mais os platinados do granito e do aço inoxidável, mas muito mais os cinzas amarronzados das rochas mais ásperas das construções em que a longevidade prevalece como objetivo que nega todos os outros, fazendo que qualquer interesse por valorizar alguma estética seja completamente descabido. Caberia a pergunta: Afinal, se é possível ser feio e eficiente, por que ser eficiente e bonito também?

As filas para passar na imigração são grandes e nos preparamos para ficar muito tempo, como ficamos em Nova York enfrentando essa chatice, no entanto, os fatos contraditam as hipóteses. Estamos ali há dez minutos e olhamos pelo vidro para as filas destinadas aos passaportes nacionais e elas desapareceram. Chega uma funcionária bem magrinha (sim há um ou outro muito magrinho na Rússia) e com uma voz muito aguda e alta fala alguma coisa em russo. Todos nós da fila de estrangeiros olhamos atônitos, supondo que estivéssemos fazendo alguma coisa de errado. Ela repete a ordem, repete novamente impaciente e, é claro, ninguém obedece, simplesmente porque não entende. Mal humorada, ela balbucia em inglês que podemos passar para os guichês da sala ao lado, onde antes estavam os nacionais, agilizando nossa entrada neste país do outro lado do mundo.

Tudo se tornou mais fácil, passada essa barreira que é sempre o obstáculo que os turistas desejam ultrapassar sem sofrer demais. Do outro lado, da porta de vidro jateada e suja, está uma senhora nos aguardando com a plaquinha “Latitudes”, nome da agência pela qual viajamos. Fala “buenos dias” e nos faz sentir alívio, depois de meia hora de aeroporto tentando decifrar o alfabeto cirílico.

Julho de 2012

Carminha Sposito